

Isabel Loureiro

Herbert Marcuse: a grande recusa hoje. Coleção Zero à esquerda. Vozes, 1999.
José Corrêa Leite (editor do jornal *Em Tempo*).

Sob que bases teóricas podemos pensar o socialismo e a revolução nas condições atuais do mundo? As referências para isso são bastante diversas das que prevaleceram na esquerda ao longo de quase todo o século XX – uma era que terminou melancolicamente com o colapso da União Soviética em 1991. Vivemos em uma época histórica nova, profundamente diferente daquela que se estruturava até duas décadas atrás. As tradições teóricas e políticas da esquerda legadas por este período, seus diagnósticos da sociedade e suas propostas são submetidas a um debate renovado, que deve revelar a atualidade ou evidenciar o anacronismo (e os equívocos) de cada concepção.

O pensamento de Herbert Marcuse vem demonstrando uma enorme vitalidade. Nas condições do capitalismo sob a globalização neoliberal, as análises produzidas por Marcuse em *Eros e civilização* na década de 50 e em *O homem unidimensional* na década seguinte – bem como, diga-se de passagem, o elaborado também nos anos 60 por Guy Debord em *A sociedade do espetáculo* – se tornaram referências incontornáveis para pensar o mundo em que vivemos hoje e como organizar aí a luta socialista.

Isso ajuda a entender o espaço que sua obra vem recuperando. Recentemente, os dois volumes de *Cultura e sociedade* (o primeiro com textos dos anos 30 e o segundo com escritos dos anos 60) e a coletânea *Tecnologia, guerra e fascis-*

mo, organizada por Douglas Kellner, que agrupa textos dos anos 40, vieram se somar a outras obras importantes de Marcuse – inclusive *Razão e revolução*, *O marxismo soviético*, *O fim da utopia* e *Contra-revolução e revolta* – publicadas no Brasil nos anos 60 e 70.

Agora, Isabel Loureiro nos brinda com uma importante coletânea de textos do pensador alemão. *Herbert Marcuse: a grande recusa hoje* tem, todavia, um caráter bem diferente das anteriores. Ela compreende textos de Marcuse dos anos 60 e 70, palestras em reuniões com estudantes, ásperas trocas de correspondência com Heidegger (em 1947/48) e Adorno (em 1969), entrevistas (a última de 1980), intervenções em debates e dois artigos de Peter-Erwin Jansen que contextualizam algumas questões. A obra serve de introdução acessível ao pensamento de Marcuse para as novas gerações políticas; a partir destes textos, o leitor pode enfrentar com muito mais facilidade as obras clássicas do pensador da “grande recusa”.

Mas *A grande recusa hoje* é, ao mesmo tempo, uma releitura e uma defesa do projeto político de Marcuse, a partir do reordenamento de seu discurso por Isabel Loureiro. Assim, para além da hábil escolha dos textos, o que cabe destacar é o pensamento que neles se expressa. Ele permite respondermos com clareza à questão de por que Marcuse é importante para a esquerda revolucionária da atualidade.

Em primeiro lugar, porque na grande tradição da Escola de Frankfurt, que cada vez mais se coloca no centro do campo teórico marxista do século XX, Marcuse representa, em oposição a Adorno e Horkheimer, o esforço permanente de articular teoria e prática. Sua obra é, de conjunto, uma elaboração política que se recusa a aceitar, como fazem os autores de *A dialética do esclarecimento*, uma situação de impotência em transformar o mundo; Marcuse procura de todas as maneiras as mediações para viabilizar a luta socialista nas condições adversas da sociedade “unidimensional” (ou “administrada” ou do “espetáculo” ou ainda do “capitalismo tardio”), que empreende uma “dessublimação repressiva”.

Em segundo lugar, porque Marcuse coloca no coração de suas reflexões (e isso fica muito evidente em *A grande recusa hoje*) uma série de questões de enorme candência no debate teórico-político atual. A valorização da redução da jornada de trabalho e do tempo livre, a importância da ecologia, o questionamento do progresso como desenvolvimento das forças produtivas, a problematização do significado das mudanças técnicas, a articulação entre arte e política, o questionamento do papel revolucionário do proletariado e a busca de novos sujeitos revolucionários, a crítica do consumismo e a análise da construção pelo capitalismo de uma subjetividade dócil à dominação, a distinção entre necessidades verdadeiras e falsas, a rebelião contra o sistema, são todos temas fortes no seu pensamento. A obra de Marcuse não envelheceu, ganhando, pelo contrário, uma atualidade renovada.

Em terceiro lugar, porque Marcuse enfrentou com sucesso o desafio de arti-

cular os campos teóricos do marxismo e da psicanálise. Pode, dessa maneira, desvendar o processo dialético pelo qual se dá a formação social da subjetividade e pelo qual essa subjetividade reproduz o sistema.

É neste ponto que recai boa parte das críticas ao trabalho teórico de Marcuse: é possível integrar marxismo e psicanálise sendo fiel a ambos? Mas o que Marcuse fez não foi combinar duas teorias, mas sim articular um marco de análise mais amplo, capaz de integrar os dois campos epistemológicos e teóricos, em que as duas teorias poderiam ser desenvolvidas mas não mais de forma separada. Não é mais possível manter o mesmo otimismo antropológico de Marx depois das descobertas de Freud. Mas também não é possível aceitar a naturalização positivista da psique, pela qual o fundador da psicanálise buscou compreender suas descobertas; a psique é estruturada social e, portanto, historicamente. Daí Eros e Thanatos poderem deixar de ser pulsões de fundo biológico (e, em consequência, invariantes), como em *O mal-estar na civilização*, para se tornarem tendências e potencialidades históricas, uma “segunda natureza” social (como aliás pode ser lida a análise de Norbert Elias do “processo civilizador”).

Em uma entrevista de 1980, reproduzida em *A grande recusa hoje*, Marcuse comentava sobre o movimento feminista: “Tomo como pressuposto que há de fato qualidades femininas que se contrapõem antiteticamente às dos homens. Por exemplo: maior receptividade, maior capacidade emocional, menor violência. Ora, contra isso se objeta constantemente que essas são qualidades produzidas social e historicamente, que ninguém

sabe se pertencem à natureza da mulher. A isso respondo: tanto faz. De qualquer maneira elas estão aí e tornaram-se uma segunda natureza e devem ser valorizadas como uma segunda natureza” (p. 20-21).

Se Marcuse procede da mesma maneira em sua aposta na vitória de Eros, da vida e do amor, através do estabelecimento de uma sociedade emancipada, é por conceber uma história aberta, em que

esta aposta pode ser feita – uma lição importante nestes tempos de passividade e conformismo. Sua antropologia é a única que, incorporando o legado de Freud sem traí-lo, permite que visualizemos uma ordem social que deixe de se basear na repressão, uma sociedade fundada no tempo livre no qual as potencialidades humanas possam ser desenvolvidas e realizadas.

Adalberto Paranhos

O roubo da fala – origens da ideologia do trabalhismo no Brasil.

Boitempo Editorial, 1999.

Lucília de Almeida Neves (professora da PUC, Minas Gerais)

A produção historiográfica brasileira sobre o período do Estado Novo é bastante ampla. Na verdade, não só historiadores, mas cientistas políticos, sociólogos e antropólogos têm se dedicado a interpretar o período sob os mais variados ângulos. Proliferam títulos que abordam a referida conjuntura através de análises que tratam do pensamento autoritário gestado e consolidado nos anos Vargas, da questão nacional, da censura, da literatura, do projeto cultural do governo, do planejamento e intervencionismo econômico do Estado, da relação do governo com as diferentes classes sociais, da propaganda estado-novista, da atuação do aparelho coercitivo do Estado, dentre tantos outros temas que compõem um instigante caleidoscópio de realidades múltiplas e integrantes de um período histórico essencial ao entendimento da realidade

republicana brasileira no presente século.

Portanto, escrever sobre o primeiro governo Vargas e, em especial, sobre o Estado Novo, é um desafio real. Corresse, no mínimo, o risco de a abordagem se constituir em um texto recorrente, se não repetitivo. Paranhos não se recusou a enfrentar esse desafio. E o fez com especial renovação e consistência analítica. Seu livro *O roubo da fala – origens da ideologia do trabalhismo no Brasil*, revisita um tema já explorado, inclusive por algumas obras que se tornaram clássicas.¹ Sua abordagem, contudo, é criativa, instigante e polêmica, trazendo nova contribuição para um melhor e mais embasado conhecimento histórico sobre a obra de Vargas e sobre seu legado para os tempos históricos que sucederam seu primeiro governo como presidente da República brasileira.

¹ Neste caso específico é fundamental a referência ao livro de Ângela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

LEITE, José Corrêa. Resenha de: LOUREIRO, Isabel. Herbert Marcuse: a grande recusa hoje. São Paulo: Vozes, 1999. *Crítica Marxista*, São Paulo, Boitempo, v.1, n. 11, 2000, p. 142-144.

Palavras-chave: Herbert Marcuse; Socialismo; Capitalismo; Globalização; Neoliberalismo.